

RECOMENDAÇÕES PARA A PRINCESA E A RAINHA DE CASTELA EM DOIS TRATADOS RAROS DO QUATROCENTOS QUE COMPÕEM O ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Danielle Oliveira MÉRCURI

Resumo

A proposta desta pesquisa é mapear as recomendações e prescrições apresentadas às mulheres, mais especificamente à rainha católica D. Isabel (1451-1504) e a uma das filhas dessa monarca, a princesa D. Isabel (1470-1498), pelo cônego da catedral de Toledo, Alonso Ortiz (1455-1503), a partir de uma das obras raras que compõem o acervo da Fundação Biblioteca Nacional: *Los tratados del doctor Alonso Ortiz (1493)*. Para tanto, analisaremos mais especificamente dois opúsculos que integram essa obra, o *Tratado de la herida del rey* e o *Tratado consolatório a la princesa de Portugal*, nos quais as mulheres são tema ou interlocutoras, dentre outros motivos, em virtude da possibilidade ou certeza da morte dos seus maridos. A investigação visa dar destaque a um dos raros incunábulo que compõem o acervo da F.B.N, interrogando sobre como ele chegou a este acervo e a propósito do contexto em que ele foi produzido e publicado. Nela, procuramos também refletir acerca dos motivos que concorreram para o destaque concedido às mulheres nos escritos produzidos em Castela no século XV. Buscamos, ademais, compreender em que medida podem ser estabelecidas relações entre o alto lugar ocupado pela rainha Dona Isabel, no que diz respeito à administração e às questões de governo do reino castelhano-leonês, e a maior atenção dada na escrita pelos letrados, a exemplo de Alonso Ortiz, aos lugares e papéis das mulheres.

Palavras-chave: Incunábulo, tratados, Ortiz, mulheres, Castela, princesa e rainha.

Um dos incunábulo raros que compõem o acervo da Fundação Biblioteca Nacional: Los tratados del doctor Alonso Ortiz

A Fundação Biblioteca Nacional é a única instituição da América Latina que possui em seu acervo uma cópia quatrocentista da obra *Los tratados del doctor Alonso Ortiz*.¹ A

¹ Segundo a Universal Short Title Catalogue, existem cópias desse tratado em bibliotecas nos Estados Unidos (Indiana University Library, New York Public Library), Espanha (Biblioteca de Catalunya, Biblioteca Nacional

citada obra é um dos 216 incunábulos² que, segundo levantamento de 1998, integram o setor de obras raras da F.B.N.³ Por se tratar de um incunábulo, *Los tratados del doctor Alonso Ortiz* é representativo das primeiras impressões de tipos móveis estampadas até 1500 e, por isso, apresenta como característica certa semelhança de formato e conteúdo com os manuscritos, assim como a raridade de ser um dos 28 mil exemplares deste tipo mundialmente contabilizados. Conforme inscrição manuscrita na obra (folha 1),⁴ ela integra a coleção *Diogo Barbosa Machado*, acervo doado à coroa portuguesa pelo abade de Santo Adrião de Server, Diogo Barbosa Machado (1682-1772), que chegou ao Brasil junto com os muitos volumes pertencentes à Real Biblioteca, logo após a transferência da corte, em 1810. Tal coleção, todavia, só foi incorporada à Real Biblioteca entre 1770 e 1773. Durante a inventariação dos bens doados, o então bibliotecário, Feliciano Marques Perdigão (entre 1768-1780), indicou através de anotação manuscrita a proveniência da coleção.⁵

Um dos 50 membros fundadores da Academia Real da História, instituição criada por D. João V (1707-1750), e autor da *Biblioteca Lusitana*— catálogo de autores e obras da História de Portugal – Diogo Barbosa Machado foi um grande colecionista português.⁶ Seu interesse por colecionar livros, opúsculos, mapas e estampas fez com que reunisse cerca de 4.300 exemplares em sua biblioteca particular. Em 1770, motivado por recompor o acervo da Real Biblioteca, já que essa instituição havia sido praticamente destruída pelo terremoto que atingiu em 1755, Diogo Barbosa Machado doou seu acervo à coroa portuguesa. Como dissemos, esse conjunto de obras chegou em caixotes ao Rio de Janeiro no ano de 1810 e

de España), Reino Unido (British Library), Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal) e Brasil (Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro). Ver em: <<http://ustc.ac.uk/index.php/record/333296>> Acesso em 05 dez. 2017.

² Os livros impressos após a publicação da *Bíblia de 42 linhas* (tida como o livro que inaugura, por volta de 1452, os tipos impressos por Johannes Gutenberg) receberam a denominação de incunábulo, palavra de origem latina que significa *berço*. Os incunábulo têm como característica traços de continuidade em relação à produção dos escribas, ou seja, eles imitam o formato e o conteúdo dos manuscritos. PINHEIRO, A. V. Glossário de codicologia e documentação. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 115, p. 170-171, 1998. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_115_1995.pdf>. Acesso 02 set. 2016.

³ Cf. BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. **Critérios de raridade [e] Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional** - CPBN: séculos XV e XVI. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. 1 CD-ROM: il. son., color. Sistema requerido: Windows 95. Compact Disc. Sonopress: 17595/00.

⁴ BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. **Exposição Barbosa Machado**. Rio de Janeiro: Seção de Exposições, 1967. p. 11.

⁵ Segundo as indicações manuscritas no texto (de la cella prioris) ele também teria pertencido ao Monastério de Santa Maria de las Cuevas de Sevilla. Cf. ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M. C. **Fondos y procedencias**: bibliotecas en la Biblioteca de la Universidad de Sevilla, 2012. p. 8. Disponível em: <http://expobus.us.es/tannhauser/ftp/file/procedencias/2012_Sala4_07_Introduccion.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2017.

⁶ HORCH, R. E. Catálogo dos folhetos da Coleção Barbosa Machado, organizado por Rosemari E. Horch. **Anais da Biblioteca Nacional**, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro v. 92, t. 1, p. 11. 1972.

ficou sob os cuidados do bibliotecário Luís de Marrocos. Com os acordos de independência do Brasil grande parte do acervo da Real Biblioteca permaneceu no país, formando a Biblioteca Imperial e posteriormente a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.⁷

Não é possível saber precisamente como a obra *Los tratados del doctor Alonso Ortiz* chegou às mãos do Abade de Server, mas certamente o desejo que esse português nutriu de reunir diversas e numerosas composições, tal como o cuidado com que trabalhou para que os vestígios do passado português fossem preservados, podem ser alguns dos indicativos. É importante lembrar também que, como membro da Academia Real da História, Diogo Barbosa Machado recebeu o encargo de compor as memórias dos reinados de D. Sebastião, de D. Henrique e dos três reis Habsburgos de Portugal (Filipe I, Filipe II e Filipe III- reis de Portugal e Espanha entre 1580 e 1640, durante a União Ibérica). Dito de outro modo, provavelmente textos que apresentassem relatos de eventos do passado e de uniões matrimoniais envolvendo os reinos de Portugal e Castela eram alvo da atenção de Machado. Logo, a diligência do Abade de Server em reunir textos e autores relevantes para a história portuguesa e, de modo geral, ibérica, bem como a migração desse acervo ao Brasil com a transferência da corte portuguesa são representativos dos caminhos que o incunábulo *Los tratados del doctor Alonso Ortiz* pode ter percorrido até sua integração às obras da Fundação Biblioteca Nacional.

Primeira publicação do incunábulo em Castela e o lugar de Alonso Ortiz na corte castelhana

Os tratados de Alonso Ortiz – clérigo que serviu à corte dos reis católicos, Fernando e Isabel,⁸ como capelão e compositor de compêndios – foram estampados pela primeira vez no ano de 1493, em Sevilha, cidade que, desde 1472, abrigava os tipógrafos alemães Meinardo de Ungut e Juan Pegnitzer. Sabe-se que técnica da impressão⁹ chegou às terras hispânicas no começo dos anos 70, do século XV, e que as *Constituciones Sinodales*, do Sinodal de *Aguilafuente* (Segóvia), foi o primeiro texto a ser impresso, em 1472, pelo tipógrafo alemão

⁷ MONTEIRO, R. B. **Diogo Babosa Machado**. Disponível em:

<<http://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/diogoBarbosa.html>> Acesso em 02 jun. 2017.

⁸ Fernando de Aragão (1452-1516) e Isabel de Castela (1451-1504) receberam a denominação de reis católicos durante o pontificado de Alexandre VI (1492-1503) – o valenciano Rodrigo Borja (1431-1503).

⁹ Sobre essa questão em âmbito europeu ver: JEAN MARTIN, L. **Historia y poderes de lo escrito**. Gijon: Ediciones Trea, 1999. p. 252.

Juan Parix de Heidelberg.¹⁰ No entanto, entre 1472 e 1477, a partir do apoio e da contribuição dos clérigos, das universidades e dos reis católicos,¹¹ essa técnica passou a ser praticada também em Valência, Barcelona, Zaragoza, Tortosa, Sevilha, Burgos, Salamanca, Zamora, Toledo, dentre outras cidades. Foi, pois, nesse ambiente de inauguração e florescimento da tipografia que os cinco tratados de Alonso Ortiz foram impressos pela primeira vez em Sevilha sob os cuidados dos Três companheiros alemães – Tomás Glockner, Juan Pegnitzer de Nuremberga e Magno Herbst¹² – e que outros textos preparados por este cônego foram estampados especialmente em Toledo.

Embora sejam minguadas as informações sobre a vida de Alonso Ortiz (1455-1507/1517), sabe-se que ele foi cônego da catedral de Toledo e doutor em direito canônico e civil pela Universidade de Salamanca. Pelo o que se pode deduzir das mais de 600 obras que compunham o acervo da sua biblioteca particular e foram doadas à universidade salmantina,¹³ Ortiz nutriu um grande interesse pelos *studia humanitatis*,¹⁴ isto é, pela retórica, poética, gramática e história; e provavelmente adquiriu alguns livros dos humanistas italianos em algumas de suas viagens a Roma. Na corte castelhana, exerceu a função de capelão dos reis católicos, nutriu uma relação muito próxima com a rainha Isabel e participou de alguns círculos de letrados, como aqueles que existiram em torno dos arcebispos Alfonso de Carrilo (1410-1482), Pedro González de Mendoza (1428-1495) e Francisco Jiménez de Cisneros (1436- 1517). A vida desse cônego transcorreu na companhia de alguns dos mais importantes protagonistas da política da época e foi, pois, sob a encomenda e proteção destes, que os tratados de Ortiz – e grande parte de seus textos – foram preparados, bem como receberam apoio para serem impressos.¹⁵ Segundo alguns estudos,¹⁶ Ortiz escreveu os tratados e outros

¹⁰ Cf. MONSALVO ANTÓN, J. M. **La Baja Edad Media en los siglos XIV-XV**. Política y Cultura. Madri: Editorial Síntesis, 2005. p. 180.

¹¹ LÓPEZ-VIDRIERO, M. L. La imprenta y los libros. In: VADEÓN BARUQUE, J. (Ed.). **Arte y Cultura en la época de Isabel la Católica**. Valladolid: Instituto Universitario de Simancas y Ámbito ediciones, 2003. p. 115-117.

¹² O incunábulo da F.B.N apresenta a marca dos impressores no verso da última folha, nela há as iniciais I [Johann], M [Magnus] e T [Thomas]. Ver também: SALVÁ Y MALLÉN, P. **Catálogo de la Biblioteca de Salvá**. Valencia: Imprenta de Ferrer de Orga, 1872. t. 2, verbete 2365, p. 293.

¹³ BERTINI, G. M. **Introducción del Dialogo sobre la educación del príncipe Don Juan, hijo de los reyes católicos (siglo XV)**. In: ORTIZ, A. Diálogo Sobre la educación del Príncipe Don Juan, Hijo de los Reys Católicos. versão, notas e interpretação de Giovanni Maria Bertini. Madri: Ed. Porrúa, 1983. p.1.

¹⁴ FERNÁNDEZ GALLARDO, L. El en torno a los “studis humanitatis” en la Castilla del Cuatrocientos, Alonso de Cartagena y los autores antiguos. **En la España Medieval**, n. 22, p. 245-246, 1999.

¹⁵ MARTÍNEZ ALCORLO, R. La literatura en torno a la primogénita de los Reyes Católicos: Isabel de Castilla y Aragón, princesa y reina de Portugal (1470-1498). Tese de doutorado defendida na Universidad Complutense Madri, 2016, p.284.

¹⁶ GÓMEZ REDONDO, F. **Historia de la prosa de los Reyes Católicos**: El umbral del Renacimiento. Madri: Ediciones Cátedra, t. I, 2012. p. 848.

textos para atender aos interesses de Fernando e Isabel por certos assuntos e temas, bem como por que gozou de uma notável estima entre os nobres da corte castelhana e buscou beneficiar-se da rede de proteção que esses destinatários de seus textos poderiam oferecer-lhe. Assim, considera-se que muitos dessas obras mereceram ser estampadas entre o final do Quatrocentos e início do Quinhentos, dentre outros motivos, pelo apreço e notabilidade que este autor gozou entre os monarcas e letrados do reino.

A título de exemplo, a pedido de Isabel (a Católica) esse clérigo escreveu o *Diálogo sobre la educación del príncipe don Juan* para instruir nas letras e preparar moralmente o príncipe Juan (1478-1497), único filho varão dos reis católicos.¹⁷ Sob os auspícios do cardeal Pedro González de Mendoza (1428-1495) escreveu: *Vitae sanctorum Toledanorum* – compêndio hagiográfico da cidade de Toledo – e *Dialogus inter regem et reginam de regimine regni*, tratado político que não logrou finalizar. Animado pelo apoio à tradução de obras místicas e ascéticas dado pelo cardeal Francisco Jiménez de Cisneros (1436- 1517) no reino, traduziu *Arbor vitae crucifixae Ihesu* de Ubertino da Casale e preparou as edições de um *Misal* e de um *Breviario mozárabe*, ambas publicadas em Toledo, entre 1499 e 1502. A Diego López Pacheco (1447-1529), traduziu *Las meditaciones muy devotas del Bienaventurado Sant Anselmo*.¹⁸ Juntou-se, ademais, aos diversos letrados castelhanos do século XV– que buscaram inspiração na tópica consolatória para amparar os monarcas católicos, os nobres da corte, e todos do reino, pelo sofrimento que a morte do príncipe Juan lhes havia causado – escrevendo uma versão em latim e outra em vernáculo do *Tratado del fallecimiento del muy inclito señor don Juan*.¹⁹

No caso específico dos *Tratados del doctor Alonso Ortiz* que, não obstante tenham sido escritos em momentos distintos entre os anos de 1491 e 1493, foram publicados em conjunto em 1493, igualmente é notável o empenho do cônego em registrar alguns assuntos e preocupações que interessavam aos reis católicos e aos nobres que compunham o séquito desses monarcas. A grave ferida que, em Barcelona, o rei Fernando sofrera em virtude de um atentado (1492); a morte do infante Afonso de Portugal (1491) e a urgência de consolar sua esposa (a princesa D. Isabel); o debate envolvendo a questão dos conversos do reino; a

¹⁷ GARCÍA CASTILLO, P. Los nuevos tratados de educación: el Liber de educatione de Alonso Ortiz. El humanismo salmantino de los siglos XV-XVI. In: FLÓREZ MIGUEL, C; ALBARES ALBARES, M. H. M. R. (Eds.) **La primera escuela de Salamanca (1406-1516)**. Salamanca: Edições Universidad de Salamanca, 2012. p. 35-36.

¹⁸ Especificamente sobre essa tradução ver: SANZ HERMIDA, J. Una traducción ignorada de Alonso Ortiz: Las meditaciones muy devotas del Bienaventurado Sant Anselmo. Espanha. **Revista Livius**, 1997, n.9, p.187-203.

¹⁹ SANZ HERMIDA, J. Literatura consolatoria en torno de la muerte del príncipe Juan. **Studia Historica**. Historia Medieval, v. XI, p. 166, 1993.

celebração, através de uma oração, da chegada dos reis católicos a Barcelona após a reconquista de Granada (1492); e a exaltação dos reis pelos clérigos toledanos em decorrência dessa reconquista foram, logo, os cinco temas abordados por Alonso de Ortiz nesses tratados.²⁰ Conquanto a obra não apresente um prólogo, já que os cinco opúsculos que a integram têm prefácios particulares correspondentes aos distintos temas que abordam, ela é representativa da vontade de Ortiz de compendiar alguns de seus escritos sobre temas significativos para os reis e os cortesãos.²¹

Como destacava Ortiz em um desses tratados, justificando seu empenho em escrever para os reis e especialmente para Isabel: "assim despertam os claros entendidos para exercitar suas agudas forças" em louvor dos monarcas. Estes letrados, nas palavras do clérigo, "varões excelentes de diversas nações", ofereciam a Isabel "os suores de seus saberes para memorar" a "crescida glória" da rainha. O cônego não ignorava que a fama dos letrados e dos textos que estes produziam dependia do apoio régio, sobretudo daquele oferecido por Isabel no reino. Dirigindo-se à monarca, o clérigo enfatizava: "grande iluminação" recebem "os entendidos ajudados com o favor dos príncipes".²² Tal como Ortiz, o siciliano Lucio Marineo Sículo (1460-1533) em *Cosas Memorables de España*, obra preparada em 1530 e endereçada ao rei Carlos I (1500-1558), também tinha destacado o amparo dado pelos reis católicos aos letrados do reino. Nas palavras do siciliano, as ações desses monarcas nesse âmbito tinham dado ensejo para que os "bons e talentosos homens" se interessarem pelo "exercício das letras". A esse respeito, Marineo Sículo chamava atenção sobretudo para o papel fundamental da rainha, que, segundo ele, para dar "exemplo aos outros", começou a "estudar os princípios da gramática", do mesmo modo que concedeu às "donzelas" e aos "pajens" de seu palácio "preceptores e mestres", para que pudessem aprender com eles. Quer dizer, assim como muitos letrados, Ortiz buscou nos reis, e sobretudo na rainha, amparo e ânimo para a produção dos seus textos.

Os opúsculos foram escritos, como é possível perceber, por um dos integrantes da corte de letrados que gravitava em torno dos reis, especialmente da rainha Isabel, por um clérigo que seguia de perto o itinerário dos monarcas e que, por isso, certamente foi

²⁰ Integram os cinco tratados de Ortiz: o Tratado de la herida del rey; Tratado consolatório a la princesa de Portugal; Oración en latín a los reyes; Dos cartas mensajeras a los reyes, una que embio la cibdad la outra del cabildo dela yglesia de toledo; Tratado contra la carta del prothonotario de Lucena.

²¹ GÓMEZ REDONDO, F. **Historia de la prosa de los Reyes Católicos**: El umbral del Renacimiento. Madri: Ediciones Cátedra, t. I, 2012. p. 848.

²² ORTIZ, A. **Los tratados del doctor Alonso Ortiz**. Tratado consolatorio a la princesa de Portugal. Sevilha: Los tres alemanes companeros, 1493.8 f.

testemunha de muitos dos eventos que relatou. No entanto, ainda que esses tratados tenham sido publicados conjuntamente e sejam representativos das modalidades de um discurso mormente político voltado para os monarcas e o público cortesão, eles foram compostos para atender a demandas específicas.²³ Em cada um deles, Ortiz tratou de um tema, de uma situação ou de uma questão singular ocorrida no reino entre os anos de 1491 e 1492. A despeito dessas diferenças, percebemos algo comum entre dois deles. No *Tratado de la herida del rey* e no *Tratado consolatório a la princesa de Portugal* a rainha e a princesa além de serem as destinatárias e/ou ganharem um expressivo papel devido, dentre outros fatores, à possibilidade ou certeza da morte dos seus maridos, são alvo de elogios e recomendações. Quer dizer, ambos tratados são representativos da rede de relações e de apoio à produção de textos estabelecida entre a corte de letrados e as mulheres da realeza castelhana.²⁴

No primeiro deles, como adiantamos, Ortiz relatou o atentado cometido por Juan de Cañamás contra o rei Fernando, em Barcelona, no dia 7 de dezembro de 1492. Conquanto esse episódio já tenha sido analisado por alguns estudiosos,²⁵ pouco se discutiu até hoje acerca do papel que a rainha Isabel assumiu e as virtudes que colocou em evidência, de acordo com Ortiz, diante da possibilidade de morte do rei. Quer dizer, praticamente não existem estudos que busquem compreender em que medida, nesse relato, Ortiz coloca em discussão as relações de poder entre o rei e a rainha. Segundo previam as leis castelhanas, sobretudo desde o século XIII, as mulheres não eram consideradas apenas dignas de herdar a coroa, como também podiam, na ausência de um sucessor legítimo e varão, exercer o regimento do reino.²⁶ Embora alguns dos cronistas dos reis católicos e outras fontes nos informem que Fernando e Isabel governaram os reinos de Castela e Aragão de maneira compartilhada, isto é, que conduziram os reinos operando uma espécie de diarquia,²⁷ o possível falecimento de Fernando, em virtude do atentado que sofrera em Barcelona, abriu brechas para que Ortiz discutisse sobre o regimento do reino e especialmente refletisse a propósito da atuação da

²³ GOMEZ RENDODO, F. **Historia de la prosa medieval castellana de los Reyes Católicos**: el umbral del renacimiento. Madri: Edições Cátedra, 2012. t. I, p.848.

²⁴ LETT, D; MATTEONI, O. **Princes et princesses à la fin du Moyen Âge**. Médiévales. Langues, Textes, Histoire. n.48, 2005. Disponível em: <http://journals.openedition.org/medievales/832> Acesso em: 13 dez. 2017.

²⁵ BLATTE Y PRATS, L. El atentado contra Fernando el Católico, y el municipio gerundense. **Cuadernos de Historia Jerónimo Zurita**, n. 19-20, p. 231-239, 1966-1967.

²⁶ ARMERO DOMINGO, I. Las mujeres y su vinculación al poder según las crónicas castellanas de los siglos XI al XV. In: DEL VAL VADIVIESO, M. I; SEGURA GRAÍÑO, C. (Coord.). **La Participación de las mujeres en lo político**. Mediación, representación y toma de decisiones. Madri: Almudayna, 2011. Disponível em: <http://www.aeihm.org/sites/default/files/XV_Coloquio/Sesion3/Armero>. Acesso em: 17 mar. 2016.

²⁷ CARRASCO MANCHADO, A. I. **Isabel I de Castilla**. La sombra de la ilegitimidad. Madri: Sílex, 2014. p. 203.

rainha. Sobre a harmonia no trato do regimento dos reinos estabelecida entre os cônjuges, o cronista Hernando del Pulgar (1436- 1493) chegou a destacar que:

[...] quando era necessário que o Rei fosse prover em algumas partes e a Rainha em outras, ainda que estivessem apartados, nunca se pronunciou que um desse mandamento que deixasse sem efeito a provisão que o outro tivesse dado. Porque, se a necessidade apartava as pessoas, o amor tinha juntas suas vontades. E ainda que alguns cavaleiros e outras pessoas de danosas intenções procurassem divisão entre eles, dando a entender ao Rei que, como varão, devia ter toda a governação, o Rei e a Rainha, conhecendo que estes tais procuravam divisões entre eles, por seus próprios interesses, conformaram-se tanto que não davam lugar a nenhuma divisão.²⁸

Diante da possibilidade de quebra dessa forma de reger o reino descrita pelo cronista, procuraremos esquadrihar de que maneira Alonso Ortiz descreveu a conduta da monarca, bem como de que forma dimensionou a esfera de atuação política dela. Buscaremos mapear, de acordo com o que citado cômico relata no *Tratado de la herida del rey*, quais posturas e condutas foram exigidas da rainha frente a situação de quase morte de seu marido e de que maneira ela se ocupou do regimento do reino nesse momento crítico.

Essa não foi, contudo, a única situação delicada sobre a qual Ortiz teve que escrever. Outro momento melindroso que mereceu a atenção dele na sua produção tratadística foi a morte do príncipe Afonso, esposo da primogênita dos reis católicos, D. Isabel. Preocupado em discorrer sobre como outra nobre da realeza deveria reagir frente a morte de seu marido, o clérigo endereçou-lhe o *Tratado consolatório a la princesa de Portugal*. Como o título deste opúsculo sugere, Ortiz se propunha a, através desse texto, oferecer palavras de conforto à princesa (de Castela, Aragão e também de Portugal) em virtude do falecimento de seu esposo. Reunia, assim, remédios e formas de consolo para que a jovem princesa conseguisse lidar com a morte do infante português, que, por sinal, havia acontecido oito meses depois da união matrimonial entre ambos.

A partir dos temas que nortearam Ortiz a escrever esses seus tratados, é possível notar que eles foram preparados sob a expectativa ou concretização da morte de homens da família real, e que, essas mortes acabaram abrindo espaço para que o cômico refletisse sobre os lugares, papéis e modos recomendados à rainha e princesa. Daí a relevância de indagarmos sobre as motivações de Ortiz ao escrever esses tratados e acerca de seu posicionamento em

²⁸ PULGAR, H. *Crónica de los señores reyes católicos Don Fernando y Doña Isabel de Castilla y de Aragón*. Valladolid: Editorial Maxtor, 2011, p. 36.

relação a essas mulheres. Vejamos, a seguir, as particularidades de cada um desses opúsculos em relação a essa questão, assim como as possíveis semelhanças entre eles.

Uma chaga no corpo geminado da monarquia e o papel da rainha Isabel na recuperação da saúde do rei e do reino.

Como destacou Alonso Ortiz no início de seu *Tratado de la herida del rey*, este foi “dirigido aos muito poderosos rei e rainha” que muitos esforços haviam demonstrado em não deixar cair no esquecimento um “caso incrível” ocorrido no reino: o atentado sofrido pelo rei Fernando na cidade de Barcelona, em 1492. Ortiz dizia pôr sua pluma à serviço dos monarcas por dois motivos, primeiro por considerar “digna de memória” a “liberação de tão excelentíssimo rei” de tal risco e, segundo, por julgar importante agradecer a intercessão de Deus e da Virgem Maria pela saúde dos reinos e pela vida dos reis. Em outras palavras, mais do que oferecer detalhes sobre o atentado, o cônego mostrava-se empenhado em descrever tanto a reação de D. Fernando e de D. Isabel diante dessa tragédia, como a intervenção da providência divina no desfecho desse episódio.

Ortiz não foi, contudo, o único letrado que relatou esse evento. Na apresentação do seu tratado, o cônego chegou a salientar que os “mais claros” e “entendidos” homens “exercitaram suas línguas e afiaram suas plumas para memorar este caso tão incrível.” O cura dos Palacios, Andrés Bernáldez (1450-1513), por exemplo, dedicou um capítulo da sua *Historia de los reyes católicos* para contar como o rei tinha sido atingido no pescoço por um “mal homem” com uma faca e para descrever os questionamentos que tomaram conta da cidade de Barcelona acerca da origem do traidor e de suas motivações.²⁹ De maneira parecida, o mestre Pedro Martír de Anglería (1457-1526),³⁰ em carta enviada ao Conde de Tendilha e ao Arcebispo de Granada, no dia 8 de dezembro de 1492, falava sobre como teria agido o

²⁹ “[...] e neste caso muitas eram as opiniões, uns diziam: ‘Francês é o traidor;’ outros diziam: ‘Navarro é o traidor;’ outros diziam: ‘Não é senão castelhano;’ outros diziam: ‘Catalão é o traidor;’[...]”. BERNALDEZ, A. *Historia de los Reyes Catolicos Don Fernando y Doña Isabel*. In: **Crónica de los Reyes de Castilla desde Alfonso X hasta los Reyes Catolicos Don Fernando y Doña Isabel**. Edição preparada por Don Cayetano Rosell. Madri: Rivadeneyra Editor, 1878. cap. CXVI.

³⁰ DELGADO CRIADO, B. (Coord.). **Historia de la educación en España y América** (siglos XVI-XVIII). Madri: Fundación Santa María, 1993. p. 315-316.

“desalmado, desconhecido, miserável”, que “arrastado unicamente por seu furor”, tinha saído de Cañamares – a nove mil passos de Barcelona – e enfiado um punhal no pescoço do rei.³¹

Todavia, diferente desses letrados, Alonso Ortiz parece ter preferido “pôr em esquecimento perpétuo o nome do sacrílego e temerário agressor”. Mais significativo lhe parecia mostrar como o sofrimento sentido na carne pelo rei e sobretudo na alma pela rainha tinham sido curados pelas virtudes e orações da monarca, bem como pela visita de Deus aos cônjuges naquela ocasião. Se o reino havia sido atingido de alguma forma pela ferida causada fisicamente no rei e espiritualmente na rainha, de acordo com Ortiz, Isabel tinha se apresentado não apenas capacitada para lidar com a situação de instabilidade no reino, mas sobretudo suficientemente virtuosa para conduzir o reino mesmo naquela ocasião. Por isso, além de analisarmos como o cônego de Toledo construiu esse opúsculo, buscaremos compreender a relevância concedida por ele à rainha.

Dividido em seis partes, ou seja: uma apresentação das motivações do autor, uma breve narração sobre o atentado, um prólogo, uma exclamação e dois capítulos; o opúsculo é organizado em duas colunas escritas com caracteres góticos e capitais ornamentados. Depois de indicar os motivos de sua escrita e compor um pequeno relato a propósito de como D. Fernando tinha sido esfaqueado no pescoço quando descia as escadas da Audiência, o clérigo transforma a cidade em uma personagem da trama. “A cidade hesitava que voz tomaria diante desse crime tão detestável para mostrar sua inocência”, salientava Ortiz, ela tinha receio de que pensassem que havia conjurado contra o rei e por isso em uma só voz bradava: “viva o rei, viva o rei”. Alvejado o corpo do rei, a cidade e todos do reino igualmente foram atingidos: “do súbito expiraram alguns de menor vigor”, “muitas donas desmaiaram, outras com o assombro anteciparam seus partos, outras pereceram elas mesmas com suas criaturas” e a rainha “sofreu mais a cruel chaga em sua alma que o rei em seu corpo.”³² Como é possível perceber, de acordo com a trama tecida por Ortiz, as ações contra o corpo do rei repercutiam para além da existência física do monarca, impactavam no corpo geminado da monarquia,³³ isto é, alcançavam a rainha e acabavam ecoando em todo o reino.

³¹ MARTÍR DE ANGLERÍA, P. Epistolario. In: LÓPEZ TORO, J. (Ed.). **Documentos inéditos para la historia de España**. Edição de José López Toro. Madri: Imprenta Gongora, 1953. p.226.

³² ORTIZ, A. **Tratado de la herida del rey**. p. III e III.

³³ Segundo aponta Earenfight o rei e a rainha integravam o mesmo corpo político, isto é, formavam corpos geminados e, até mesmo, especulares. Desse modo, devem ser analisadas as suas especificidades e como repercutem um no outro e na monarquia. EARENFIGHT, T. Without the Persona of the Prince: Kings, Queens and the Idea of Monarchy in Late Medieval Europe. **Gender and History**, vol. 19, nº 1, p. 1-21. 2007.

A postura da monarca, nesse sentido, ganha no tratado de Ortiz uma considerável dimensão no processo de recuperação da saúde corporal do rei e do reino. As virtudes evidenciadas pela notável habilidade da soberana em superar tal situação dolorosa e conturbada são destacadas pelo cônego com as seguintes palavras:

Ferido teu ânimo com tanta dor, com viril coração esforçaste teus sentidos, avivaste teu saber, puseste véu à tristeza que penetrava tuas entranhas e com esforço poderoso amansaste o torvelino popular, mostraste cara de segurança, mitigaste os corações turvados, defendeste a limpeza da cidade, colocaste em acordo as divisões da sedição com muita integridade, cuidaste de tua casa real e assim, sozinha, proveste sabiamente tantos combates que dissolvia as opiniões de vontades diversas.³⁴

Fica claro nessa passagem o valor extraordinário atribuído à rainha. A despeito de ser mulher, age com “viril coração”, vence seu “femíneo vigor” e apresenta “viril esforço” ao ver esmorecido o de seu marido e varão.

É importante lembrar que outros letrados igualmente já haviam enfatizado o caráter extraordinário de Isabel a partir de suas qualidades varonis. Pedro Martír de Anglería, na carta que enviou a Pomponio Leto em 23 de março de 1488, lembrava que Isabel era “mais forte que um varão forte”, “exemplo de honestidade e pudor, semelhante à qual nunca a Natureza fez outra mulher”.³⁵ Em outra missiva enviada a Ascanio Visconti, datada de 1 de agosto de 1488, Martír de Anglería se dizia espantado com o inigualável valor de Isabel e por ela ter suplantado sua condição mulhêr:

A meu juízo, esta mulher não se pode comparar com nenhuma das Rainhas louvadas pela antiguidade: é valorosa, grande e digna de elogio em suas empresas. Costumam as mulheres, em sua maioria, revestir-se de uma invencível firmeza para o mal. Esta é mais constante que a mesma constância, o que é de todo contrário à fragilidade da mulher, animal imperfeito.³⁶

Cassandra de Fedele (1465-1558), uma jovem poeta e letrada veneziana com quem Isabel trocou cartas entre 1487 e 1497, de modo parecido, fazia alusão à força de ânimo da monarca ao convertê-la na capitã dos exércitos contra os bárbaros, na soberana que havia garantido a sobrevivência do nome cristão ao expulsar os infiéis, ou seja, ao descrever Isabel como uma

³⁴ ORTIZ, A. *Tratado de la herida del rey*. p. III.

³⁵ MARTÍR DE ANGLERÍA, P. *Epistolario*. In: LÓPEZ TORO, J. (Ed.). *Documentos inéditos para la historia de España*. Edição de José López Toro. Madri: Imprenta Gongora, 1953. p. 10-11

³⁶ *Ibid.*, p. 40.

mulher guerreira, tal qual uma amazona clássica.³⁷ Como é possível perceber, da mesma forma que Pedro Martír de Anglería e Cassandra de Fedele, Alonso Ortiz investiu na excepcionalidade das características de Dona Isabel e em suas qualidades varonis. Ora, ser varão em virtudes significava, em grande medida, contrapor-se aos vícios comumente praticados pelas mulheres e por isso era uma solução comumente apresentada pelos letrados para dar conta da dissonância entre a natureza mulhêr e o exercício de governo.³⁸

Ortiz evidenciou a exemplaridade de Isabel, ademais, elencando suas virtudes. Além de mostrá-la conduzida pela fortaleza, sabedoria e constância, manifestou o empenho da monarca em colocar os interesses e as necessidades do reino acima dos seus. Mesmo sofrendo e temendo a possibilidade de morte do rei, segundo Ortiz, Isabel, “movida por animosa constância”, “primeiro deu paz aos outros e só depois a si mesma”. Cuidou para que os rumores de sedição não ganhassem força enviando a todos os grandes do reino e a todas as cidades notícias do ocorrido. Com essa constância, logrou aplacar os “infinitos perigos que podiam nascer”, impediu “gravíssimos escândalos que poderiam acontecer”. Ou seja, mostrou “ânimos fieis” à sua condição de majestade. Nessa passagem fica nítido que o cônego não desconhecia as noções aristotélicas apropriadas pelos medievos, sobretudo a partir dos regimentos de príncipes preparados por São Tomás de Aquino e Egídio Romano³⁹ de que eram indissociáveis nos reis a moralidade das suas ações e suas práticas de governo.⁴⁰ Tal como prescreviam esses regimentos de príncipes, o bom rei tinha que se haver não apenas consigo mesmo e com sua família, mas acima de tudo com a multidão.⁴¹ Isabel, consoante relatado por Ortiz, havia conseguido se desviar dos seus interesses particulares e conduzir o

³⁷ ROBIN, D. (Ed.). **Cassandra de Fedele**. Letters and orations. Chicago: The University Chicago Press, 2000. p. 19-23.

³⁸ NIETO SORIA, J. M. **Ser reina. Un sujeto de reflexión en el entorno historiográfico de Isabel la Católica**. e-Spania. Governar en Castille au Moyen Âge: la part des femmes, 1 jun. 2006. Disponível em: <<https://espania.revues.org/327>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

³⁹ Referimo-nos às reflexões aristotélicas realizadas na Política e na Ética a Nicômaco e à apropriação dessas considerações, ainda que de forma específica, por São Tomás de Aquino, no De Regno (1267), e por Egídio Romano, no Regimento de Príncipes (1285). Textos, estes, que serviram, a partir do século XIII, como parâmetro de governo para os reis medievais. Sobre esse tema, ver: SENELLART, M. **As artes de governar**. São Paulo: Editora 34, 2006. Não podemos nos esquecer de que o Regimento de Príncipes preparado por Egídio Romano foi glosado em Castela. O frei Juan García de Castrojeriz foi designado em 1344, na corte de Afonso XI, chanceler maior do infante Pedro, ocasião em que escreveu a glosa do Regimento de Príncipes para ensinar ao príncipe o que ele deveria saber para ser rei. BENEYTO PÉREZ, J. Estudio Preliminar. In: GARCÍA DE CASTROJERIZ, J. **Glosa castellana al Regimiento de Principes de Egidio Romado**. Madri: Centro de Estudios políticos y constitucionales, 2005. p. XXVII.

⁴⁰ Nas páginas seguintes, especialmente na VIII (Capítulo. Porque Deus despertou os vossos corações reais com sua visitação), Ortiz fará menções diretas a Aristóteles, Platão e São Tomás de Aquino, inclusive citando De regno.

⁴¹ GARCÍA DE CASTROJERIZ, J. **Glosa castellana al Regimiento de Principes de Egidio Romado**. Madri: Centro de Estudios políticos y constitucionales, 2005. p.93.

reino no sentido de contemplar o bem comum, ou melhor, tinha colocado seu status de rainha acima de sua condição de mulher e esposa. Diante da possível morte de seu marido e de todo sofrimento que isso como esposa lhe causava, as exigências de seu ofício como rainha tinham-lhe, mais do que nunca, conduzido em todas as suas ações.

Conquanto Ortiz frise que a monarca já tinha mostrado “fortaleza e constância de coração” em outros momentos do passado, tais como nos “trabalhos de guerra” e “nas afrontas contra os reis”, ele destacava que “maior exemplo que nunca” dessas virtudes ela havia expressado após a tentativa de assassinato do rei Fernando. Em nenhum outro momento da história do reino, segundo sugere o clérigo, a rainha havia encontrado melhor ocasião para colocar em destaque seu equilíbrio moral. Quer dizer, embora ressalte, tal como Juan de Flores (1430- 1525) – cronista dos reis católicos e possível autor da *Crónica incompleta* –, a capacidade da soberana de, a despeito de sua condição mulhêr, mostrar fortaleza participando dos acontecimentos bélicos e assuntos de governo,⁴² Ortiz enfatiza a particularidade do episódio envolvendo o atentado contra o rei: mais equilíbrio ele havia exigido da monarca. Se na “pressa do infortúnio” poucos tinham o “esforço e o conselho necessários”, assim como poucos permaneciam com o mesmo semblante em tempos “ácidos e doces”, “de ira e de paz”, “de tristeza e de gozo”, nas palavras desse cômego, Isabel pertencia ao seleto grupo daqueles que expressava constância em quaisquer situações.

É certo que Alonso Ortiz não reserva menos elogios ao rei Fernando. No *capítulo de la providencia del rey*, o cômego relata como o monarca, logo após se recuperar da ferida, também discreto e constante chama inicialmente o seu único filho varão, Juan, e sua primogênita, Isabel, para dar-lhes alguns ensinamentos paternos sobre a conduta moral e política requerida aos reis. Nessa altura, o tratado ganha características mais nítidas de um espelho de príncipes, isto é, reúne um conjunto de diretrizes morais e de governo básicas que poderiam inspirar a atuação do bom governante cristão. Retomando passagens bíblicas e alguns pensadores do mundo antigo, Fernando lembra a seu filho que: enquanto a justiça e a prudência são respectivamente cetro e conselho para os reis, as armas e o regimento são, nessa ordem, fortaleza e temperança para eles. À sua filha, Dona Isabel, Fernando exorta a aceitar o sofrimento da morte de seu marido como sinal da misericórdia de Deus. O clérigo ressalta

⁴² Essa tópica também é desenvolvida por Juan Flores na *Crónica Incompleta* ao dizer que “não só a rainha tinha cuidado de governar e ter justiça no reino, mais ainda nas coisas da guerra nenhum varão tanta solícitude e diligência pudera colocar”. RÁBADE OBRADÓ, M. P. La imagen de Isabel I de Castilla en la Crónica incompleta de los Reyes Católicos. *e-Spania*, 1 jun. 2006. Disponível em: < <http://e-spainia.revues.org/333> ; DOI : 10.4000/e-spainia.333> Acesso 11 jun.2017.

ainda nesse capítulo os grandes feitos desse rei, a quem denomina “reformador dos males das repúblicas cristãs”, pelo empenho com que atuou na luta contra os infiéis e todos os inimigos da igreja católica.

Pela maneira como Ortiz reconstrói o episódio envolvendo o atentado contra o rei ao longo do tratado é possível perceber que ele propõe uma interpretação não apenas para o evento, mas especialmente para o lugar que os monarcas ocupavam no reino. Como sugere o clérigo, Deus havia permitido que o corpo de Fernando e a alma de Isabel fossem alvejados e, com isso, os monarcas fossem humilhados apenas para que recebessem a visitação divina, ou seja, para que fossem ainda mais engrandecidos. Conforme o salmo davídico, Ortiz estava seguro de que os reis haviam sido humilhados para que fossem exaltados. Ao longo da narrativa, ademais, a união dos monarcas e a complementaridade de suas representações, carne e espírito, são destacados como fundamentais na condução unívoca do regimento do reino. Assim, ainda que rei e rainha tenham um lugar específico, suas ações, de acordo com o clérigo, repercutem reciprocamente e em todo reino. Golpeado o corpo do rei, ferida foi a rainha em sua alma e alvejados todos aqueles que viviam no reino. Embora o título do tratado sugira o exclusivo protagonismo do rei, tendo em vista que o tema eleito por Ortiz foi o golpe sofrido por Fernando em sua carne, o cônego concede um expressivo espaço na narrativa à rainha Isabel. Ele transforma as ações dessa monarca em um dos principais remédios que, associado à intervenção divina, é responsável pela cura daquela e de outras feridas.

Remédios para uma chaga na alma da princesa

Ainda que a partir de outra perspectiva, Ortiz igualmente discorre sobre remédios e feridas no segundo dos seus opúsculos: o *Tratado consolatório a la princesa de Portugal*. Uma das obras mais extensas do conjunto de tratados, composta por uma carta, um prólogo e vinte e quatro capítulos, ela foi escrita, como já dissemos, anos após a morte do príncipe português, Afonso (1475-1491) – único filho do rei português D. João II e marido da primogênita dos reis católicos, Dona Isabel. O trágico episódio ocorrera em julho de 1491. Segundo o relato de Andrés Bernáldez (1450-1513), “grande dor e desventura” tinham acometido a infanta Dona Isabel quando soube que seu marido morrera após uma queda

durante um passeio a cavalo na Vila de Santarém.⁴³ Algum tempo após esse episódio, no prólogo do *Tratado consolatório a la princesa de Portugal*, Ortiz dizia escrever à princesa para consolá-la apresentando-lhe remédios para as angústias e tristezas causadas pela ferida aberta em sua alma por causa da morte de seu esposo. A princípio, embora isso indique que o clérigo escolheu a princesa como sua principal interlocutora e que trabalhou no sentido de ensiná-la a lidar de maneira virtuosa com o sofrimento causado pela morte do citado príncipe português, é possível notar que a rainha não ganha menos importância nesse tratado. Não se pode ignorar, através da carta que abre o opúsculo e de alguns trechos do tratado, que Ortiz conferiu à rainha Isabel um papel de destaque como autoridade para fazer com que esse texto chegasse à sua destinatária, assim como atribuiu à monarca a função de esteio na formação moral da princesa. Por isso, antes de analisarmos as formas de consolo prescritas à infanta pelo cônego, vejamos, primeiramente, como a filha mais velha dos reis católicos inspirou um conjunto diverso de composições e em que contexto dessa variada produção pode ser inserido o opúsculo preparado por Ortiz. Observemos, na sequência, em que medida, através do louvor da princesa, Ortiz granjeou o apoio da rainha.

Muitos foram os letrados castelhanos e portugueses que dedicaram textos à princesa Isabel. Filha primeira dos reis católicos, peça importante no tabuleiro peninsular no que diz respeito aos laços matrimoniais estabelecidos com Portugal,⁴⁴ herdeira dos reinos de Castela e Aragão na falta de um sucessor varão; todos esses aspectos, somados à estima que a princesa nutriu pelos temas de devoção religiosa, explicam em certa medida o empenho evidenciado por muitos letrados de terem-na como tema e destinatária, ou mesmo de fazerem-lhe elogios para ganhar a proteção dos seus pais. Assim, pode-se dizer, que muitos desses escritos acompanham e representam fases e episódios da formação e vida da infanta, bem como estão relacionados ao séquito de letrados castelhanos e portugueses que gravitaram em torno das famílias régias das quais ela fez parte em Portugal e Castela.⁴⁵

⁴³ BERNÁLDEZ, A. Historia de los reyes católicos Don Fernando y Doña Isabel. In: **Crónica de los Reyes de Castilla desde Alfonso X hasta los Reyes Católicos Don Fernando y Doña Isabel**. Edição preparada por Don Cayetano Rosell. Madri: Rivadeneyra Editor, 1878. t. III, Cap. CI, p. 643

⁴⁴ Isabel casou-se com o príncipe português, Afonso, em 1491 e, posteriormente, deixou a viuvez para casar-se com o rei português, Manuel, em 1497. Com a morte de seu irmão, Juan, converteu-se em sucessora legítima. Isabel e Manuel receberam os juramentos na cidade de Toledo em 1498. MARTÍNEZ ALCORLO, R. Entre Castilla y Portugal: la literatura en torno a la primogénita de los reyes católicos. **Revista à Beira**. Portugal. Universidade da Beira. n. 10, p. 69-700, dez de 2015. NOGALES RINCÓN, D. Los proyectos matrimoniales hispano- portugueses durante el reinado de los Reyes Católicos y los sueños de Unión Ibérica. **De Medio Aevo**, n. 4, vol.2, p. 43-68. 2013.

⁴⁵ Nesse sentido são muito significativos os trabalhos desenvolvidos por: MARTÍNEZ ALCORLO, R. **La literatura en torno a la primogénita de los Reyes Católicos**: Isabel de Castilla y Aragón, princesa y reina de

O arauto régio Pedro Gracia Dei,⁴⁶ por exemplo, nos poemas que integram a *Crianza y virtuosa doctrina*, – escritos em 1478 e um dos primeiros textos dedicados à infanta de Castela – havia indicado como motivação maior de sua escrita ensinar à jovem e aos demais cortesãos as corretas maneiras e os virtuosos modos daqueles que compunham as cortes dos reis ou pretendiam ser incorporados a essas.⁴⁷ O autor da primeira *Gramática de la lengua castellana*, Antonio de Nebrija (1441-1522), de sua parte, compôs o poema latino intitulado *Epithalamium* (1490) para celebrar e honrar o matrimônio da princesa com o príncipe português, Afonso, que ocorrera em abril de 1490, na cidade de Sevilha.⁴⁸ Da parte dos portugueses, Cataldo Parisio Sículo (1455-1517), poeta siciliano que viveu por alguns anos em Portugal, apresentou, através de sua *Oratio* (1490), um discurso para receber a princesa na cidade de Évora.

Se os cuidados com a formação da infanta durante sua fase juvenil e a celebração da sua condição de casada instigaram a escrita de alguns letrados, seu estado de viuvez não exigiu menos das plumas e penas desses homens. Em Portugal, a morte do herdeiro português e a urgência de consolar a princesa ganharam espaço nos versos da *Lamentação* de João Manuel, no poema *A morte do príncipe* de Luis Anríquez e nas *Trovas* de Álvaro de Brito. Em Castela, à princesa viúva foram escritos o *Tratado a la princesa de Portugal* por Alonso Ortiz, a *Suma de paciência* (1493) por Andrés de Li, além de alguns poemas preparados por Nicolás Guevara e Juan del Encina. É importante lembrar que, não obstante essas e outras obras tenham sido dedicadas à princesa, elas foram um meio encontrado pelos letrados de lograr mais do que a simpatia e o apreço da infanta, visto que atuaram com veículo por meio do qual esses homens alcançaram para as suas obras o apoio dos reis.⁴⁹

No caso do *Tratado a la princesa de Portugal*, uma das produções de caráter consolatório dedicadas à princesa, na carta que abre o opúsculo, Alonso Ortiz destaca a

Portugal (1470-1498). 541f. Tese de doutorado defendida na Universidad Complutense Madri, 2016 e “Remedios para ferida tan entrañable”: literatura consolatoria para Isabel, primogénita de los Reyes Católicos. **XXV Colloquium**: Medieval Hispanic Research Seminar. Londres, p.1-8, 24-25 jun. 2016.

⁴⁶ Apresenta-se como galego e descreve sua formação, fruto dos estudos feitos na universidade de Salamanca. Além da *Crianza*, o nome de Gracia Dei está vinculado à escrita de *Libro del Blasón de Caballería, Escudos de reyes y príncipes del mundo* ou le *Blasón general y Nobleza del universo*. CODET, C. Manieres et vertus a la cour a la fin du XVème siècle: l’éducation d’Isabelle de Castille, infante de Castille. **Librosdelacorte.es**, Espanha, ano 6, n. 9, s/p., 2014.

⁴⁷ CODET, C. Manieres et vertus a la cour a la fin du XVème siècle: l’éducation d’Isabelle de Castille, infante de Castille. **Librosdelacorte.es**, Espanha, ano 6, n. 9, s/p., 2014.

⁴⁸ MARTÍNEZ ALCORLO, R. El Epithalamium de Antonio de Nebrija y la Oratio de Cataldo Parisio Sículo: dos ejemplos de literatura humanística para la infanta Isabel de Castilla. In: ALVAR, C (coord.). **Estudios de literatura medieval en la Península Ibérica**. San Milan de la Cogolla, 2015. p.955-971.

⁴⁹ MARTÍNEZ ALCORLO, R. **La literatura en torno a la primogénita de los Reyes Católicos**: Isabel de Castilla y Aragón, princesa y reina de Portugal (1470-1498). p.21.

relação entre a rainha Isabel e aqueles que lhe dedicavam textos. Nas palavras do cônego, as “façanhas maravilhosas” e o “nome glorioso” da rainha, frequentemente encorajavam os “claros entendidos” a “exercitar suas agudas forças” em louvor da soberana. Assim, varões de diferentes nações ofereciam de diversas formas à rainha Isabel “os suores de seus entendimentos”, a saber: lembrando a “crescida glória” da monarca, preparando os naturais do reino para o “ofício da pluma” e dedicando à soberana suas obras em latim. Tamanha ousadia nesses empreendimentos, ressaltava Ortiz, não era comum entre os “súditos e naturais” do reino, pois, embora estes fossem em “entendimento e língua por ventura iguais” aos estrangeiros, necessitavam “primeiro verificar como” os seus textos “seriam aceitos” pela monarca. Integrando-se, dessa maneira, a este último círculo de letrados, Ortiz dizia contar com o discernimento da rainha para fazer o seu opúsculo chegar à princesa. Para ele, a soberana era a única pessoa apta a julgar se o tratado deveria chegar às mãos da “íclita princesa”, ou se merecia ser silenciado. É certo que esse pedido também se devia ao fato de que já havia transcorrido certo tempo desde a morte do marido da infanta. A propósito disso, frisava o clérigo que estava seguro de que, conquanto o tempo tivesse passado, “a tristeza e os chorosos instrumentos”, que eram “estímulos de dor”, ainda permaneciam na princesa, por isso, havia buscado um “percurso de mais sagacidade” para o seu tratado, enviando-o primeiramente para a rainha, a quem caberia “dá-lo à íclita princesa ou pô-lo em esquecimento.”⁵⁰

Como é possível perceber, ainda que esse tratado tenha tido a princesa viúva como destinatária, a construção da carta-prólogo representa a vontade de Ortiz de inserir-se na corte de letrados do reino louvando a rainha Católica. Quer dizer, conquanto o alvo das instruções consolatórias de Ortiz seja a infanta, a rainha não deixa de ser enaltecida. A glorificação da rainha através dos ensinamentos à princesa, a bem da verdade, ganha maior nitidez no tratado quando o cônego exorta a infanta a lembrar-se dos cuidados que recebera de sua mãe na infância para que continuasse sendo virtuosa nos momentos de adversidade da vida adulta. Segundo destaca o clérigo, se na infância as virtudes da princesa deviam-se ao empenho da rainha em educa-la, já mulher e diante de um infortúnio, ela deveria mostrar empenho em continuar sendo virtuosa. Ortiz, então, aconselhava a princesa a encontrar sustentação na

⁵⁰ ORTIZ, A. **Tratado consolatorio a la princesa de Portugal**. Carta dirigida a la íclita reyna.

“disciplina”, na “criação prudente” que recebera da rainha⁵¹ e na “doutrina que aprendera com suas mestras,” mulheres que lhe ensinaram desde cedo a domar a ignorância.⁵²

Tal como Ortiz, outros letrados destacaram os esforços da rainha no sentido de criar condições para que suas filhas – Isabel (1470-1498), Juana (1479-1555), Maria (1482-1517) e Catarina (1485-1536) – fossem instruídas. O valenciano Juan Luis Vives (1492-1540) em *Instrucción de la mujer Cristiana* (1523), chegou a salientar que todas essas infantas, além de terem tido uma “boa” formação “letrada”, tinham suscitado “admiração” nos “povos e cidades” por onde haviam passado, dentre outras coisas, pela desembaraço com o qual elas haviam aprendido a se expressar em latim.⁵³ De maneira parecida, o tradutor de um dos textos do catalão Francesc Eiximenis (*Llibre de les dones -1388*), enfatizou no *Carro de las Donas* (1542)⁵⁴ a dedicação da rainha para “criar seu filho e suas filhas” em conformidade com a “católica e cristianíssima religião, dotando-os de mestres” que os instruísem na “vida e nas letras.”⁵⁵ Sabe-se que da educação das infantas Isabel e Juana, a rainha encarregou respectivamente o frei Pedro de Ampudia e Andrés de Miranda, ao passo que das infantas, Maria e Catarina, incumbiu Alejandro Giral dini.⁵⁶ A propósito das mulheres que acompanharam as infantas em seus estudos de latim e música e que as auxiliaram a aprender a fiar, costurar e bordar, tem-se notícias da atuação da salmantina Beatriz de Galindo,⁵⁷ conhecida pelo epíteto de “La latina”. Por seus elevados conhecimentos dos autores clássicos e do latim, Beatriz teria sido escolhida pela rainha para auxiliá-la e, também às suas filhas, a aprender essa língua. À Latina se juntaram Juana Contreras, Isabel de Vergara e Magdalena de Bobadilla.⁵⁸

⁵¹ Ibid. Cap. VI.

⁵² Ibid. Cap. VI.

⁵³ LUIS VIVES, J. **Instrucción de la mujer cristiana**. Tradução de Juan Justiniano. Introdução, revisão e anotação de Elisabeth Teresa Howe. Madri: Fundação Universitária Espanhola, Universidad Pontificia de Salamanca, 1995. p.53-54.

⁵⁴ Essa tradução foi publicada em Valladolid em 1542 e dedicada à rainha de Portugal, dona Catarina da Áustria. A despeito do anonimato do tradutor, acredita-se que ele foi o padre de Carmona, confessor de Adriano VI. **Carro de las donas**. Adaptación del Llibre de les dones de Francesc Eiximenis O.F.M. realizada por el P. Carmona O.F.M. Estudio e edição de Carmen Clausell Nácher. Madri: Fundación Universitaria Española. Universidad Pontificia de Salamanca, v. I, p. 11-14, 2007.

⁵⁵ **Carro de las donas**. v. I, p. 419.

⁵⁶ DEL VAL VADIVIESO, M. I. La educación del príncipe y de las infantas en la corte castellana al final del siglo XV. *Acta Lauris*, n. 1, p.18. 2013.

⁵⁷ ANDREU, L. B. **Vida de Beatriz Galindo**. Madri: EILA editores S.L, 2009. p. 15-21. ARTEAGA, A. **Beatriz Galindo, La Latina maestra de reinas**. Madri: Algaba, 2007. p.15.

⁵⁸ DELGADO CRIADO, B. Política educativa. La educación durante el reinado de los Reyes Católicos. In: DELGADO CRIADO, B. (Coord.). **Historia de la educación en España y América (siglos XVI-XVIII)**. Madri: Fundación Santa María, 1993. p.23.

Levando em consideração, de antemão, a diligência com que trabalhou Ortiz para conquistar o apoio da rainha, confiando-lhe não apenas autoridade para divulgar ou silenciar o opúsculo, como também, e de maneira semelhante aos outros letrados do reino, o papel de esteio na formação e educação da princesa, passemos à análise das palavras e recomendações que Ortiz apresentou à infanta.

O *Tratado consolatório a la princesa de Portugal* apresenta elementos comuns ao gênero consolatório. Introduzido entre os antigos por Cícero com *De consolatione* e por Sêneca com suas cartas e obras de caráter moral, esse gênero estruturou-se com Boécio ao ser espargido e retomado durante a Idade Média através da obra *De consolatione philosophae*. Bastante difundido nos poemas, tratados, cartas, orações e diálogos produzidos no final do medievo, esse tipo de texto ganhou espaço em Castela no século XV, tendo em vista a sensação de transitoriedade das coisas terrenas causada, dentre outros fatores, pelas disputas dinásticas, guerras e epidemias que assolaram o reino. A composição do *Tratado de la consolación* por Enrique de Vilhena (1380- 1434), provavelmente entre 1422 e 1423, a Juan Fernández de Valera para consolá-lo da morte de seus parentes, seguida da elaboração de outros textos de cunho consolatório, tais como a *Defensión a don Enrique de Villena* (1434), escrita por Íñigo López de Mendoza, e a *Consolación a la condessa de Castro* (1453-1458), preparada por Gómez Manrique, são representativas do interesse e da difusão desse gênero no reino.⁵⁹ A sucessão de mortes em Castela após o falecimento do príncipe português Afonso, tais como o traspasse do príncipe D. Juan (1497) – único filho varão dos reis católicos –,⁶⁰ da princesa D. Isabel, logo após o parto (1498) e de seu filho, fruto de seu enlace com o rei D. Manuel, D. Miguel (1500), igualmente nutriram vários textos cujas temáticas foram o luto e o consolo.

Assim como grande parte das obras de caráter consolatório, o tratado preparado por Ortiz é iniciado com o relato das aflições que o autor pretende sanar, seguido de um alerta a respeito dos remédios necessários para curar a ferida causada pela morte do ente próximo e/ou familiar. Dessa forma, o clérigo apresenta inicialmente uma breve narrativa para reconstruir a morte do príncipe e a consternação daqueles que receberam essa triste notícia. Nas palavras de Ortiz, “o pesar” pela viuvez da princesa” havia ganhado repercussão e era sentido em “toda Espanha”, “todos os estados” tinham sido “surpreendidos” com tal comunicado e, embora os

⁵⁹ MARTÍNEZ ALCORLO, R. *La literatura en torno a la primogénita de los Reyes Católicos: Isabel de Castilla y Aragón, princesa y reina de Portugal (1470-1498)*, p.278-281.

⁶⁰ Para um estudo mais detido sobre esse tema, ver: SANZ HERMIDA, J. *Literatura consolatoria en torno de la muerte del príncipe Juan. Studia Historica. Historia Medieval*, v. XI, 1993.

“súditos e naturais” estivessem felizes com as vitórias dos reis, “não podiam reprimir a dor” pelo “desafortunado desastre” sofrido pelo marido da princesa, por isso “mesclavam aqueles gozos tão desejados com as lágrimas” causadas pelas angustias e feridas da viúva. Tamanha era a tristeza da princesa, segundo o clérigo, que ela havia penetrado o “peito dos reis”, “mesmo estando eles em Granada na luta contra os infiéis.” Os monarcas, dizia Ortiz, derramavam lágrimas e mostravam seu pesar vendo a princesa Isabel “estranha em um reino onde esperavam que fosse rainha e senhora”, com a “falta do abraço que lhe fortaleceria”, “sem a cabeça” que lhe honrava e sem o “amor” daquele com o qual havia saído do reino de Castela para unir-se em matrimônio.⁶¹

O clérigo lembrava, ademais, à princesa que os “senhores de grande ou mediano” estado tinham ofertado numerosas e diferentes formas de consolo quando a nobre retornara de Portugal ao reino de Castela. Todavia, manifestava não querer que suas palavras se confundissem com aquelas produzidas com enganosos consolos. Diferente dos poetas antigos que apresentavam “mentirosas maneiras de consolar” chamando “de deusa a fortuna e atribuindo a esta o poderio” de mudar e trocar os estados e condições dos mortais, ou de maneira contrária aos que apresentaram “fábulas” para enganar os povos, o cônego assegurava que apresentaria à princesa apenas os “remédios divinos”.⁶² Associava, nesse sentido, a queda sofrida pelo marido de D. Isabel à caída de Adão em pecado, ao perecimento do grego Demóstenes e do latino Marco Túlio, aos acidentes sofridos pelos reis de Castela, Enrique I e Juan I, dentre outros casos, para lançar um apontamento: “... essas tentações não te são enviadas sem a vontade de Deus para grande fruto e proveito de tua alma. Porque a tribulação é mais frutífera aos justos, como São Paulo disse aos romanos”.⁶³ Quer dizer, se opondo aos antigos e a toda explicação que não tivesse Deus como lógica condutora, Ortiz orientava a construção do seu opúsculo com argumentos sustentados na providência divina e nas autoridades da igreja.

A partir do capítulo II do opúsculo, Ortiz empenha-se em mostrar para a princesa as virtudes e atitudes requeridas em tempos de prosperidade e adversidade. Retomando Aristóteles, lembra-lhe de que os momentos de felicidade e gozo demandavam a prática da temperança, enquanto as circunstâncias adversas exigiam maior exercício da fortaleza. Segundo o clérigo, convinha ao fiel cristão ter e honrar essas duas virtudes para que

⁶¹ ORTIZ, A. *Tratado consolatorio a la princesa de Portugal*, p. IX e X.

⁶² *Ibid*, p. X

⁶³ *Ibid*, p. XI

merecesse a eterna felicidade. Respalhando-se em Santo Agostinho afirmava o quão mais perigoso era o estado de prosperidade na vida terrena se comparado ao estado de adversidade. A prosperidade, dizia o cônego, era acompanhada do “mau amor”, do pecado carnal, da avaria e da ambição. Diversos príncipes, a despeito das conquistas e glórias alcançadas, tinham “apagado a fama” deixando-se conduzir pelos vícios, o que exigia muitas cartas e plumas para lembrar os soberanos destronados pelos “deleites viciosos”.⁶⁴

Voltando-se mais propriamente para D. Isabel, Ortiz pedia-lhe que se recordasse de toda a prosperidade e boa formação que tivera durante sua infância e juventude na casa de seus pais. Fora nesse espaço, segundo ele, que a jovem aprendera com o exemplo de sua mãe e as instruções de suas mestras a ser comedida, a não menosprezar nenhum dos estados e a servir de exemplo a todos do reino. Considerando isso, advertia-lhe a esforçar-se para manter-se igualmente virtuosa nos momentos de adversidade, pois, exercitando a fortaleza, a paciência e a tolerância continuaria servindo de espelho aos súditos do reino. Dirigindo-se à princesa, Ortiz recomendava-lhe:

Reviva já as forças de tua razão que têm adormecido teu ânimo vigoroso [...] comprima as sanhas e sobressaltos que fazem estes rebates no teu coração. Que suas reais virtudes te armem contra o sofrimento e logo tenhas firmes a paciência e a tolerância, que teus desejos não se derramem a buscar o que já pereceu com os juízos de Deus [...]: o qual por sua clemencia faz das coisas tristes alegres e prósperas, e se as perdas corporais nos dão fadiga, recompensa-nos com dons do espírito muito saborosos à vontade justa. O que te pode, já senhora, remediar se tua virtude desfalece, faz que tenha em Deus tua firmeza e ele te confortará por que é bom esperar em Deus, como disse David [...].⁶⁵

Ou seja, às virtudes aprendidas e exercitadas pela princesa durante toda sua formação ao lado de seus pais, se juntava a necessária confiança em Deus e o respeito aos desígnios divinos para que as dores causadas pela morte príncipe português fossem curadas.

No que diz respeito nomeadamente aos remédios e às formas de consolo indicados pelo clérigo à princesa, temas sobre os quais o autor discorre mais aprofundadamente nos últimos capítulos do tratado, salientava o clérigo que o “verdadeiro remédio” consistia em cultivar a saúde da alma e que o consolo desta podia ser alcançado de três maneiras ou formas. A primeira delas, de caráter sensível, era a consolação oferecida pelos amigos e

⁶⁴ ORTIZ, A. *Tratado consolatorio a la princesa de Portugal*, p.XV.

⁶⁵ *Ibid*, p. XXIII.

peessoas próximas. Apontava o clérigo que a princesa tinha recebido esse tipo de consolo de seus pais, irmãos e pessoas mais próximas no começo de seu infortúnio, quando retornara de Portugal. Outra forma de consolação, era aquela ministrada pelos sábios e filósofos, a exemplo de Marco Túlio Cícero, Sêneca e Boécio, através de artifícios criados pela razão humana. Por fim, e muito mais “doce e penetrante,” já que “transpassava todas as potências da alma com seu vigor”, se destacava a “divina e verdadeira consolação”, conhecida através da palavra de Deus e da doutrina que ensinava a verdadeira paciência que conduzia à paz espiritual.

Para Ortiz, as formas de consolação sensível e racional não eram suficientes para curar uma ferida tão profunda como a da princesa, posto que somente à divina misericórdia cabia dar: “consolação e alívio” a todos os males, bem como esforço nas peijas contra as adversidades. Ao espírito santo atribuía-lhe a consolação por que era chamado de “Paráclito”, “do grego que quer dizer consolador”.⁶⁶ Assim, através dos exemplos bíblicos de Isaías, Lázaro, Paulo e de autoridades como Santo Agostinho, Ortiz apresentava oito maneira de consolação divina, a saber: o perdão dos erros, a piedosa purgação, a memória e a contemplação dos mistérios da misericórdia de Deus, a esperança em relação aos bens eternos, o conhecimento da santa doutrina e das boas obras, a paciência diante das adversidades, a dor pelos próprios pecados e pelos alheios, a pregação de Jesus e a perseguição às crenças erradas dos judeus.

É interessante notar que o cônego finaliza o tratado fazendo duas últimas advertências à princesa. Por um lado, lembrava-lhe de que a morte do príncipe a deixava livre das leis do matrimônio, por outro, recomendava-lhe que se alegrasse com as “gloriosas vitórias” dos seus pais, Fernando e Isabel, “que tanto aumentaram seus reinos e ilustraram suas coroas.” Através da proximidade que o clérigo estabeleceu com a princesa ao longo do opúsculo e dos elogios que fez aos reis, especialmente a Isabel, é possível sondar a relação próxima que ele manteve com a corte castelhana. Ortiz demonstra conhecer o gosto da rainha por ler os textos dos letrados antes que eles viessem a público,⁶⁷ reconhece o ambiente cortesão favorável à instrução das mulheres criado pela soberana. Falar a essas mulheres – dedicando-lhe textos, oferecendo-lhes orientações ou fazendo-lhes elogios – foi uma forma que Ortiz e outros letrados do reino encontraram para serem incluídos na corte, verem seus textos publicados e

⁶⁶ ORTIZ, A. *Tratado consolatorio a la princesa de Portugal*, p. XXX.

⁶⁷ A dispensa do cronista Alonso de Palencia é relacionada, dentre outras coisas, ao fato de que ele teria se negado a que seus escritos passassem pelo crivo da rainha antes que viessem a público. Sobre esse tema, ver: CARRASCO MANCHADO, A. I. *Isabel I de Castilla*. La sombra de la ilegitimidad. Madri: Sílex, 2014.

honras acrescentadas. Foi também um meio de atender às necessidades da rainha e da princesa de verem ser nomes exaltados, suas necessidades espirituais atendidas e os lugares que ocuparam nos jogos de poder do reino (e dos reinos) enaltecidos.

Uma breve análise sobre o Queenship e os tratados de Ortiz

No percurso até aqui trilhado, ao nos debruçarmos sobre os tratados de Alonso Ortiz, buscamos compreender a rede de apoio à produção de textos estabelecida na corte castelhana pelas mulheres da realeza e, de maneira geral, os lugares que a rainha e a princesa de Castela (D. Isabel- mãe e filha) ocuparam nas relações de poder do reino. Tais preocupações, dialogam com relevantes investigações da historiografia sobre o poder das rainhas medievais, por isso consideramos pertinente mencionar algumas delas, já que nos ajudaram a refletir acerca dos tratados analisados e a chegar a algumas conclusões.

O interesse a propósito do poder exercido pelas rainhas, segundo alguns estudiosos,⁶⁸ ganhou força inicialmente na historiografia inglesa, nas últimas décadas do século XX, através dos estudos *Queenship*, termo posteriormente traduzido para o espanhol como *reginalidad*⁶⁹ e para o português como *reginalidade*.⁷⁰ O empenho em estudar as figuras históricas femininas ganhou evidência nas décadas de 60 e 70 do século XX, sobretudo em virtude dos movimentos de contestação feminista e através da escrita da história das mulheres. Mas os primeiros trabalhos destacaram as rainhas consortes, unidas a seus maridos, sem identidade política própria. Somente nos anos 70 e 80, as publicações sinalizaram uma preocupação não apenas com a vida das rainhas, mas sobretudo com o funcionamento do *Queenship*. Isto é, pouco a pouco, foi formulado um termo para tratar dos papéis, das funções, instituições jurídicas e administrativas da rainha medieval. A partir dessa abordagem, cabia indagar a respeito das circunstâncias em que essas mulheres poderiam ser consortes, regentes,

⁶⁸ BÁRÁNY, A. Medieval Queens and Queenship: a retrospective on income and power. In: RASSON, J; SÁGHY, M(ed). **Annual of Medieval Studies at CEU, Central European University Budapest Department of Medieval Studies** v. 19, 2013.p. 149-199. SILVA, M. S. Felipa de Lancáster, la dama inglesa que fue modelo de reginalid en Portugal (1387-1415). Portugal. **Anuario de Estudios Medievales**, 46/1, p.204, jan.jun de 2016

⁶⁹ SILLERAS FERNÁNDEZ, N. Queenship en la corona de Aragón en la Baja Edad Media: estudio y propuesta terminológica. EUA: **La corónica: a journal of medieval hispanic languages, literatures & cultures**, v.32, n.1, p.132, 2003.

⁷⁰ SILVA, M. S. Felipa de Lancáster, la dama inglesa que fue modelo de reginalid en Portugal (1387-1415). Portugal. **Anuario de Estudios Medievales**, 46/1, p.204, jan.jun de 2016.

proprietárias; cumpria questionar se seus poderes tinham ultrapassado o âmbito doméstico e alcançado o público; se foram apenas joguetes nas mãos dos reis, ou exerceram oposição a eles; se foram peças decisivas apenas nas políticas matrimoniais, ou exerceram outras formas de poder; dentre outras questões. Um passo significativo nesse sentido foi dado por John Carmi Parson⁷¹ que organizou um volume abrangente dedicado às rainhas publicado entre a década de 80 e 90. Envolvendo estudos de vários pesquisadores, essa obra se propunha a analisar a realeza sob a perspectiva das rainhas a partir de um especto cronológico e espacial ampliado.⁷²

Voltando-se para o espaço ibérico, Theresa Earenfight fez da reginalidade uma temática de relevância ao ter buscado focar uma das figuras que maior interesse historiográfico suscitou no âmbito da coroa de Aragão, a saber: Maria de Castela (esposa de Afonso V). Para Earenfigh, rei e rainha compunham parte de um mesmo corpo político, um corpo que, a despeito de geminado e especular, só pode ser analisado em suas especificidades e a partir de como atuam reciprocamente. Desse modo, Earenfight buscou compreender de que maneira a rainha representou um apoio fundamental para a coroa, bem como em que medida, a despeito de ter exercido, muitas vezes, uma influência informal, ela não apresentou uma autoridade menos oficial.⁷³

Ainda no que se refere ao espaço ibérico, apenas para citar algumas pesquisas, são muito significativos os trabalhos de Manuela Santos Silva acerca da rainha de Portugal, D. Felipa de Lancaster; de Nuria Silleras Fernández sobre as disputas entre Maria de Luna, Violante Bar e Juana de Foix pela coroa aragonesa, ou ainda acerca do papel concedido à rainha Isabel no *Diálogo sobre la educación del príncipe don Juan*; e de Diana Pelaz Flores a propósito das rainhas consortes castelhanas (D. Maria e D. Isabel, esposas de D. Juan II). Diversas são as propostas de análise da reginalidade, além da participação da rainha no ritual monárquico igualmente são alvo das investigações: a escrita das mulheres e o papel que elas tiveram como impulsionadoras da cultura, as formas que usaram para administrar o poder, os tipos de relações que estabeleceram com a família e a maneira como constituíram e organizaram suas casas régias.⁷⁴

⁷¹ PARSONS, J. C (ed). **Medieval Queenship**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1993.

⁷² BÁRÁNY, A. p.152.

⁷³ PELAZ FLORES, D. **Reynantes en Uno**. Poder y representación de la reina en la Corona de Castilla durante el siglo XV. Valladolid: Instituto Universitario de Historia de Simancas, p. 43-44, 2015.

⁷⁴ DEL VAL VALDIVIESO, M. I; PELAZ FLORES, D. La historia de las mujeres en el siglo XXI a través del estudio de la reginalidad medieval. **Revista de Historiografía** 22, Espanha. p. 101-127, 2015.

Como vimos, a partir da análise dos textos de Ortiz, conseguimos sondar alguns aspectos a respeito dos auspícios dados pela rainha à produção de textos, logramos mapear o empenho dos letrados, a exemplo de Ortiz, de colocarem suas penas e plumas a serviço das mulheres da realeza, bem como compreendemos alguns aspectos da configuração dos poderes dessas mulheres na Castela entre o final do Quatrocentos e início do Quinhentos. É importante destacar que certos fatores explicam o empenho evidenciado pelos letrados castelhanos de se colarem no rastro das mulheres da realeza. No trânsito entre o medievo e a modernidade, pouco a pouco, os homens passam a ser valorizados não apenas pelo nascimento, mas também pela educação esmerada, pelos dotes e pelo mérito pessoal. Isto é, riqueza e cultura, além da consanguinidade, ganham nesse período um valor decisivo nas formas de distinção social. O cuidado com as vestimentas, com as boas maneiras, o gosto pelos pensamentos elevados, por uma linguagem bela, pelo cultivo das letras e das artes entram no jogo de fazer valer os recursos pessoais.⁷⁵ Nesse contexto de transformações, as mulheres igualmente compartilham a ânsia pelo saber e pela erudição.⁷⁶

Esse interesse pode ser percebido no reino francês nas obras de *Christine de Pizan* e de *Godofredo de la Tour de Landry*, por meio da defesa que apresentam do direito das mulheres de buscarem instrução, de lerem e conhecerem melhor a fé para fugirem dos pecados e demais perigos que rondavam suas almas. Pode ainda ser notado nos textos de caráter pedagógico destinados às mulheres que foram preparados em Castela pelo confessor da rainha D. Isabel, Hernando de Talavera,⁷⁷ pelo nobre Fernán Perez de Guzmán⁷⁸ e por um autor anônimo.⁷⁹ Logo, se em outras porções algumas mulheres, a exemplo de Isabel de Baviera e Juana de Nápoles foram consideradas dignas de memória pelo interesse que nutriram pelas letras e pelo incentivo que concederam ao saber; no reino castelhano, se destacaram por motivos semelhantes: Isabel, suas quatro filhas, bem como outras mulheres notáveis que compunham a corte dessa rainha. Não obstante esse contexto de valorização dos saberes e da erudição tenha sido favorável para que essas mulheres se destacassem, não se

⁷⁵ GÓMEZ MOLLEDA, M. D. Cultura femenina en la época de Isabel la católica. Cortejo y estela de una reina. **Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos**, n. 61, p. 137-195, 1955.

⁷⁶ BORREGUERO BELTRÁN, C. Puellae Doctae en las cortes Peninsulares. **Dossiers Feministes**, Mujeres em la historia. Heroínas, damas y escritoras (siglos XVI-XIX). n. 15, p. 76-100, 2011.

⁷⁷ Referimo-nos a: *Avisación* (1475); *Tratado sobre la demasia en el vestir, calzar, comer y beber* (1477); *Suma y Breve compilación* (1486-1492); e o *Memorial de Hernando de Talavera para la reina cerca de la orden que debía tener en el despacho de los negocios*, escrito na segunda metade do século XV.

⁷⁸ Perez de Guzmán escreveu *Relación a las señoras y grandes dueñas de la doctrina que dieron a Sarra* em meados do século XV.

⁷⁹ *Castigos y Doctrinas que un sabio daba a sus hijas* foi escrito por um anônimo também em meados do Quatrocentos

pode desprezar a dedicação da rainha Isabel em esclarecer seus filhos e sua corte, bem como em oferecer proteção àqueles que se propusessem a se dedicar às letras e artes.⁸⁰

Assim, o interesse das mulheres castelhanas pelas letras e a produção de textos sob os auspícios dessas senhoras, entre o final do medievo e o início da modernidade, pode ser explicado tanto pelos contatos com a cultura renascentista, como pelo empenho e disposição particular da rainha Isabel. Para a soberana, especialmente, e para as outras mulheres do reino foram, nessa altura, preparadas gramáticas de comportamento que lhes orientasse a agir e se portar de acordo com a posição que ocupavam na sociedade castelhana.⁸¹ Se alguns estudos apontam que no *Diálogo sobre la educación del príncipe Don Juan*, Ortiz concede à rainha o papel, por vezes passivo, de intermediária dos ensinamentos que o cardeal Mendoza apresenta a seu filho.⁸² A produção desses tratados de Ortiz, bem como o lugar que o clérigo concedeu à rainha e princesa são, entretanto, representativos desse período em que as solicitações a respeito de aconselhamentos da ordem do bem partiram delas.⁸³ Tanto à rainha como à princesa, segundo Ortiz, cabia conduzir-se virtuosamente para servir de exemplo aos súditos, convinha respeitar a família e cumprir com os preceitos divinos. A elas competia, acima de tudo, colocar suas funções como rainha e princesa acima de qualquer circunstância ou condição. Embora essa ordem do bem seja conduzida por letrados, elas assumem uma inegável importância.

REFERÊNCIAS

Documentais

BERNALDEZ, A. Historia de los Reyes Catolicos Don Fernando y Doña Isabel. In: **Crónica de los Reyes de Castilla desde Alfonso X hasta los Reyes Catolicos Don Fernando y Doña Isabel**. Edição preparada por Don Cayetano Rosell. Madri: Rivadeneyra Editor, 1878.

⁸⁰ GÓMEZ MOLLEDA, M. D. p. 137-195.

⁸¹ MERCURI, D. O. **Os letrados castelhanos no rastro das mulheres quatrocentistas**. Da defesa e da educação delas. 2016 277 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.

⁸² SILLERAS-FERNÁNDEZ, N. The queen, the prince, and the ideologue: Alonso Ortiz’s notions of queenship at the court of the catholic Kings. **Revista Anuario de Estudios Medievales**, n.46/1, p.393-415, jan-jun de 2016.

⁸³ CODET, C. **Femmes et éducation en Espagne à l’aube des Temps Modernes (1454-fin des années 1520)**. 2014. f.770. Tese (Doutorado) - École normale supérieure de Lyon, Lyon, 2014.

Carro de las donas. Adaptación del Llibre de les dones de Francesc Eiximenis O.F.M. realizada por el P. Carmona O.F.M. Estudio e edição de Carmen Clausell Nácher. Madri: Fundación Universitaria Española. Universidad Pontificia de Salamanca, v. I, 2007.

GARCÍA DE CASTROJERIZ, J. **Glosa castellana al Regimiento de Principes de Egidio Romado.** Madri: Centro de Estudios políticos y constitucionales, 2005.

LUIS VIVES, J. **Instrucción de la mujer cristiana.** Tradução de Juan Justiniano. Introdução, revisão e anotação de Elisabeth Teresa Howe. Madri: Fundação Universitária Espanhola, Universidad Pontificia de Salamanca, 1995;.

MARTÍR DE ANGLERÍA, P. Epistolario. In: LÓPEZ TORO, J. (Ed.). **Documentos inéditos para la historia de España.** Edição de José López Toro. Madri: Imprenta Gongora, 1953.

ORTIZ, A. **Tratado consolatório a la princesa de Portugal.** Los tratados del doctor Alonso Ortiz. Sevilha: Los tres alemanes companeros, 1493.

_____. **Tratado de la herida del rey.** Los tratados del doctor Alonso Ortiz. Sevilha: Los tres alemanes companeros, 1493.

PULGAR, H. **Crónica de los señores reyes católicos Don Fernando y Doña Isabel de Castilla y de Aragón.** Valladolid: Editorial Maxtor, 2011.

Bibliográficas

ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M. C. **Fondos y procedencias:** bibliotecas em la Biblioteca de la Universidad de Sevilla, 2012.

ANDREU, L. B. **Vida de Beatriz Galindo.** Madri: EILA editores S.L, 2009.

ARTEAGA, A. **Beatriz Galindo, La Latina maestra de reinas.** Madri: Algaba, 2007.

ARMERO DOMINGO, I. Las mujeres y su vinculación al poder según las crónicas castellanas de los siglos XI al XV. In: DEL VAL VADIVIESO, M. I; SEGURA GRAÍÑO, C. (Coord.). **La Participación de las mujeres en lo político.** Mediación, representación y toma de decisiones. Madri: Almudayna, 2011.

BÁRÁNY, A. Medieval Queens and Queenship: a retrospective on income and power. In: RASSON, J; SÁGHY, M(ed). **Annual of Medieval Studies at CEU, Central European University Budapest Department of Medieval Studies** v. 19, 2013.

BERTINI, G. M. Introduccion del Dialogo sobre la educación del príncipe Don Juan, hijo de los reyes católicos (siglo XV). In: ORTIZ, A. **Diálogo Sobre la educación del Príncipe Don**

Juan, Hijo de los Reyes Católicos. versão, notas e interpretação de Giovanni Maria Bertini. Madri: Ed. Porrua, 1983.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. **Crítérios de raridade [e] Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN: séculos XV e XVI.** Rio de Janeiro: FBN, [2000]. 1 CD-ROM: il. son., color. Sistema requerido: Windows 95. Compact Disc. Sonopress: 17595/00.

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. **Exposição Barbosa Machado.** Rio de Janeiro: Seção de Exposições, 1967.

BLATTE Y PRATS, L. El atentado contra Fernando el Católico, y el municipio gerundense. **Cuadernos de Historia Jerónimo Zurita**, n. 19-20, p. 231-239, 1966-1967.
BORREGUERO BELTRÁN, C. Puellae Doctae en las cortes Peninsulares. **Dossiers Feministes**, Mujeres em la historia. Heroínas, damas y escritoras (siglos XVI-XIX). n. 15, p. 76-100, 2011.

CARRASCO MANCHADO, A. I. **Isabel I de Castilla.** La sombra de la ilegitimidad. Madri: Sílex, 2014.

CODET, C. **Femmes et éducation en Espagne à l'aube des Temps Modernes (1454-fin desannées 1520).** 2014. f.770. Tese (Doutorado) - École normale supérieure de Lyon, Lyon, 2014.

CODET, C. Manieres et vertus a la cour a la fin du XVème siècle: l'éducation d'Isabelle de Castille, infante de Castille. **Librosdelacorte.es**, Espanha, ano 6, n. 9, s/p., 2014.

DEL VAL VADIVIESO, M. I. La educación del príncipe y de las infantas en la corte castellana al final del siglo XV. **Acta Lauris**, n. 1, 2013.

DEL VAL VALDIVIESO, M. I; PELAZ FLORES, D. La historia de las mujeres en el siglo XXI a través del estudio de la reginalidad medieval. **Revista de Historiografía** 22, Espanha. p. 101-127, 2015.

DELGADO CRIADO, B. (Coord.). **Historia de la educación en España y América** (siglos XVI-XVIII). Madri: Fundación Santa María, 1993.

DELGADO CRIADO, B. Política educativa. La educación durante el reinado de los Reyes Católicos. In: DELGADO CRIADO, B. (Coord.). **Historia de la educación en España y América (siglos XVI-XVIII).** Madri: Fundación Santa María, 1993

EARENFIGHT, T. Without the Persona of the Prince: Kings, Queens and the Idea of Monarchy in Late Medieval Europe. **Gender and History**, vol. 19, nº 1, p. 1-21. 2007.

FERNÁNDEZ GALLARDO, L. El en torno a los "studis humanitatis" en la Castilla del Cuatrocientos, Alonso de Cartagena y los autores antiguos. **En la España Medieval**, n. 22, p. 245-246, 1999.

GARCÍA CASTILLO, P. Los nuevos tratados de educación: el Liber de educatione de Alonso Ortiz. El humanismo salmantino de los siglos XV-XVI. In: FLÓREZ MIGUEL, C; ALBARES ALBARES, M. H. M. R. (Eds.) **La primera escuela de Salamanca (1406-1516)**. Salamanca: Edições Universidad de Salamanca, 2012.

GÓMEZ MOLLEDA, M. D. Cultura femenina en la época de Isabel la católica. Cortejo y estela de una reina. **Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos**, n. 61, p. 137-195, 1955.

GÓMEZ REDONDO, F. **Historia de la prosa de los Reyes Católicos**: El umbral del Renacimiento. Madrid: Ediciones Cátedra, t. I, 2012.

HORCH, R. E. Catálogo dos folhetos da Coleção Barbosa Machado, organizado por Rosemari E. Horch. **Anais da Biblioteca Nacional**, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro v. 92, t. 1, p. 11. 1972.

JEAN MARTIN, L. **Historia y poderes de lo escrito**. Gijón: Ediciones Trea, 1999.

LETT, D; MATTÉONI, O. Princes et princesses à la fin du Moyen Âge. Médiévaux. Langues, Textes, Histoire. n.48, 2005.

LÓPEZ-VIDRIERO, M. L. La imprenta y los libros. In: VADEÓN BARUQUE, J. (Ed.). **Arte y Cultura en la época de Isabel la Católica**. Valladolid: Instituto Universitario de Simancas y Ámbito ediciones, 2003.

MARTÍNEZ ALCORLO, R. “Remedios para ferida tan entrañable”: literatura consolatoria para Isabel, primogénita de los Reyes Católicos. **XXV Colloquium**: Medieval Hispanic Research Seminar. Londres, p.1-8, 24-25 jun. 2016.

MARTÍNEZ ALCORLO, R. El Epithalamiun de Antonio de Nebrija y la Oratio de Cataldo Parísio Sículo: dos ejemplos de literatura humanística para la infanta Isabel de Castilla. In: ALVAR, C (coord.). **Estudios de literatura medieval en la Península Ibérica**. San Milan de la Cogolla, 2015.

MARTÍNEZ ALCORLO, R. Entre Castilla y Portugal: la literatura en torno a la primogénita de los reyes católicos. **Revista à Beira**. Portugal. Universidade da Beira. n. 10, p. 69-700, dez de 2015.

MARTÍNEZ ALCORLO, R. **La literatura en torno a la primogénita de los Reyes Católicos**: Isabel de Castilla y Aragón, princesa y reina de Portugal (1470-1498). 541f. Tese de doutorado defendida na Universidad Complutense Madri, 2016.

MERCURI, D. O. **Os letrados castelhanos no rastro das mulheres quatrocentistas**. Da defesa e da educação delas. 277 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.

MONSALVO ANTÓN, J. M. **La Baja Edad Media en los siglos XIV-XV**. Política y Cultura. Madri: Editorial Síntesis, 2005.

MONTEIRO, R. B. **Diogo Babosa Machado**. Disponível em:

<<http://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/diogoBarbosa.html>> Acesso em 02 jun. 2017.

NIETO SORIA, J. M. Ser reina. Un sujeto de reflexión en el entorno historiográfico de Isabel la Católica. **e-Spania**. Govenner en Castille au Moyen Âge: la part des femmes, 1 jun. 2006.

NOGALES RINCÓN, D. Los proyectos matrimoniales hispano- portugueses durante el reinado de los Reyes Católicos y los sueños de Unión Ibérica. **De Medio Aevo**, n. 4, vol.2, p. 43-68. 2013.

PARSONS, J. C (ed). **Medieval Queenship**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1993.

PELAZ FLORES, D. **Reynantes en Uno**. Poder y representación de la reina en la Corona de Castilla durante el siglo XV. Valladolid: Instituto Universitario de Historia de Simancas, 2015.

PINHEIRO, A. V. Glossário de codicologia e documentação. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 115, p. 170-171, 1998.

RÁBADE OBRADÓ, M. P. La imagen de Isabel I de Castilla en la Crónica incompleta de los Reyes Católicos. **e-Spania**, 1 jun. 2006.

ROBIN, D. (Ed.). **Cassandra de Fedele**. Letters and orations. Chicago: The University Chicago Press, 2000. p. 19-23.

SALVÁ Y MALLÉN, P. **Catálogo de la Biblioteca de Salvá**. Valencia: Imprenta de Ferrer de Orga, 1872.

SANZ HERMIDA, J. Literatura consolatoria en torno de la muerte del príncipe Juan. **Studia Historica**. Historia Medieval, v. XI, 1993.

SANZ HERMIDA, J. Literatura consolatoria en torno de la muerte del príncipe Juan. **Studia Historica**. Historia Medieval, v. XI, 1993.

SANZ HERMIDA, J. Una traducción ignorada de Alonso Ortiz: Las meditaciones muy devotas del Bienaventurado Sant Anselmo. Espanha. **Revista Livius**, 1997, n.9, p.187-203.

SILLERAS FERNÁNDEZ, N. Queenship en la corona de Aragón en la Baja Edad Media: estudio y propuesta terminológica. EUA: **La corónica**: a jornal of medieval hispanic languages, literatures & cultures, v.32, n.1,2003.

SILLERAS-FERNÁNDEZ, N. The queen, the prince, and the ideologue: Alonso Ortiz's notions of queenship at the court of the catholic Kings. **Revista Anuario de Estudios Medievales**, n.46/1, p.393-415, jan-jun de 2016.

SILVA, M. S. Felipa de Lancáster, la dama inglesa que fue modelo de reginalid en Portugal (1387-1415). Portugal. **Anuario de Estudios Medievales**, 46/1, p.204, jan.jun de 2016.